

Entre o sindicalismo e o mutualismo: as experiências dos trabalhadores portuários na cidade de Fortaleza (1912-1937).

Nágila Maia de Moraes¹

A presente pesquisa objetiva analisar as ações dos trabalhadores portuários da cidade de Fortaleza entre os anos de 1912-1937, a partir da Sociedade mutualista *Deus e Mar*, a qual manteve relações com a Igreja Católica, que desenvolvia a Ação social Católica. manteve-se posteriormente, quando passou a ser *Deus e União*, ligada a Legião Cearense do Trabalho . Mas que também dialogou com os anarcosindicalista, que defendiam a necessidade do sindicato de resistência. Em meio as lutas desses trabalhadores portuários, os mesmos precisaram se adequar a política sindical implementada pelo Estado pós 1930, que buscou manter os trabalhadores sobre o controle, por meio de sindicatos aliados ao governo. Em meio a essas ações buscamos compreender o processo de fazer dessa classe operária, a partir do conceito de experiência social de E. P. Thompson. Utilizando como fontes os jornais *O Legionário*, *O nordeste*, *A Tribuna*, *O Trabalhador Gráfico*, *Voz do Gráfico*, *O Combate*, dentre outros que circularam durante o período aqui estudado.

PALAVRAS-CHAVE: PORTUÁRIOS, SINDICALISMO, MUTUALISMO.

Devido a carência de pesquisas que estudem as ações dos trabalhadores do Porto de Fortaleza e o processo de organização desses trabalhadores, os quais tiveram entre 1912-1937 disputas marcantes que contribuíram para o processo de *auto conhecer-se* (THOMPSON, 1987:09) . Iniciaremos nossa análise a partir da Sociedade *Deus e Mar*, a qual possuía caráter beneficente e mutualista, mantendo uma aproximação com a *Ação Católica Cearense*, estava envolvida com outras associações de auxílio mútuo e também flertava com as ideologias anarquismo, socialistas que defendia o sindicalismo de resistência, presente na Federação dos Trabalhadores da cidade de Fortaleza².

Os primeiros anos republicanos no Brasil foram marcados por greves e manifestações, principalmente no porto de Santos e do Rio de Janeiro, porém, após a eleição de Hermes da Fonseca a política de repressão ao movimento operário foi intensificada. Lembrando que o Partido Operário já realizava os Congressos operários Brasileiros, tendo como fruto a Confederação Brasileira do Trabalho e as lutas pela jornada de oito horas de

¹ Doutoranda do programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal e Pernambuco.

² Por Sindicalismo de resistência entendemos a ação e luta dos trabalhadores para resistir a exploração do sistema de trabalho e as condições precárias da vida material. Para compreendermos as práticas e as formas de organização utilizadas pelos portuários em situação de risco, utilizamos o conceito de resistência de James Scott, no qual desenvolve a noção de “práticas cotidianas de resistência”. Ver James Scott: Formas cotidianas de resistência camponesa. In: Raízes, Vol. 21, no. 01, janeiro a junho de 2002.

trabalho e contra a expulsão dos trabalhadores estrangeiros do Brasil(BATALHA, 2000: 42-48).

Durante os anos de 1912-1937, Fortaleza passou pelo aumento das atividades comerciais, o aumento demográfico, devido ao movimento migratório do sertão para o litoral, atraídos pelas fábricas e indústrias, conseqüentemente cresceu o número de trabalhadores nas cidades, sendo progressivamente criadas as instituições operárias, visando a reivindicação coletiva por melhores condições de vida, ou seja, a busca por direitos sociais. Dentre estas instituições, destacamos o papel das sociedades de socorros e auxílio mútuos, que “aparecem na fronteira entre a ausência do Estado e a necessidade de suprir, conjuntamente, carências intrínsecas a condição de operário” (LIMA, 2009).

Para Adelaide Gonçalves, a cidade de Fortaleza crescia, e conjuntamente também cresceu a oferta do serviço de transporte de carga, passageiros e de ideias, essas que ganharam espaço entre um público leitor reduzido, como comerciantes, militares, livreiros, caixeiros, professores, servidores, tipógrafos, irmandades secretas e padres. Para a autora, mesmo em meio às dificuldades próprias da época no tocante a circulação de ideias (GONÇALVES. BRUNO (orgs), 2002: 11).

O desenvolvimento das ideias socialistas e anarquistas no Ceará ocorreu no contexto das mudanças provocadas pela divulgação das novas ideias progressistas que então chegavam da Europa, diretamente ou através de cidades como Recife e Rio de Janeiro. Na primeira década do século XX surgem algumas publicações em Fortaleza que denotam a influência das leituras de base cientificista empreendidas pelos jovens estudantes da Faculdade de Direito do Ceará - O Naturalismo de Lamarck e Darwin, o positivismo de Comte, o monismo de Haeckel, o Evolucionismo de Herbert Spencer, entre outros (GONÇALVES, 2000: 20-21).

Esse novo léxico político passava pelos embates entre o Partido Socialista Cearense e os Círculos Operários Católicos que se aprofundaram entre os anos de 1920. Os jornais *Voz do Gráfico* e *O Combate* deixam bastante claro a necessidade de luta dos trabalhadores. Deve ocorrer a partir do sindicalismo de resistência, baseado na autogestão dos trabalhadores e da ação direta, via organização da *Federação dos Trabalhadores Cearenses*, criticando de modo ferrenho as Associações mútuas e Benéficas (GONÇALVES, BRUNO, 2002: 31).

Tânia de Luca afirma que, as associações mútuas possuíam o cunho previdenciário, tendo grande preocupação com a saúde dos associados. Dessa feita, essas associações devem ser vistas como sendo uma forma de resistência dos operários. No entanto, uma resistência que não entrou no embate direto contra os patrões, ou as relações de

exploração do trabalho, mas sim como ferramenta de luta contra a miséria vigente (LUCA, 1990).

Batalha destaca que: “a cultura associativa no Brasil é a representação da força da classe operária, de modo a criar e preservar suas próprias instituições à margem e a despeito do Estado”. Isso por que o autor percebe que a cultura de classe no Brasil está relacionada à necessidade da constituição de um espaço de luta, o qual foi sendo conseguido através das associações de trabalhadores (BATALHA, 2004: 115).

A Sociedade *Deus e Mar* desenvolveu uma estratégia de luta, na qual os trabalhadores mantinham uma relação de proximidade com os patrões e políticos, tendo em vista, melhorar a negociação de pequenos benefícios e favores imediatos. Bem como, para a os patrões e os políticos, a inserção na Associação era uma maneira de amenizar as insatisfações mais emergenciais dos trabalhadores e moldá-los para evitar condutas de desordens que fugissem do controle e da ordem vigente estabelecida.

Em nome da diretoria da <<Sociedade deus e Mar>>, faço sciente ao público desta capital, que o Sr. Raimundo de Alcantara não faz mais parte desta associação tendo sido eliminado em sessão de 09 de janeiro deste anno, por ter o mesmo infringido o art. 14 letra F dos nossos estatutos, conforme conta na acta da referida sessão, não se entendendo portanto como um sócio desta sociedade a notícia que deu a imprensa desta capital, de ter sido o mesmo preso por desordem, o classificando de lancheiro, classe esta a que o referido Sr. deixou de pertencer desde a data da sua eliminação.³

A intensa ação da Igreja Católica, atuou através do discurso de boa conduta dos trabalhadores, num contexto em que a mesma buscava inserção no movimento operário, de modo a diminuir a presença marxistas nos sindicatos, na tentativa de manter um modelo de sociedade tradicional em detrimento dos embates decorridos a partir das mudanças causadas pela implementação de máquinas no modo de produção (BARROSO, 2000 : 327-328).

“Nessa encíclica, são expostas as questões graves de desorganização social, instauradas pelo capitalismo da Revolução Industrial e sua repercussão nos diversos aspectos da existência humana. A bula ressaltava a esfera religiosa invadida pelo laicismo materialista” (BARROSO, 2000: 319).

A ação da Igreja deteve-se nas vivências e experiências dos trabalhadores, pois as associações foram fundamentais para questionar a organização da sociedade brasileira a partir da análise do cotidiano dos indivíduos e dos grupos sociais com diferentes formas de representação e ação. O Catolicismo social buscou nas associações uma forma de tratar a questão social como sendo algo natural, constituindo-as por patrões e empregados para evitar os conflitos entre capital e trabalho, e, conseqüentemente a luta de classes. A principal função

³ CORREIO DO CEARÁ. *Sociedade Deus e Mar*. 12 de abril de 1921. Nº 1834, p. 3.

que se atribuiu a essas associações foi a de “atender, de modo mais convincente, as necessidades e aproximar uma classe da outra” (SOUZA, 2002: 82-83).

Nesse sentido, Ana Cristina Pereira fez relevante contribuição no tocante à ação Católica entre os trabalhadores de Fortaleza, ao pesquisar o Círculo Operário Católico São José (1915-1931), o associativismo operário e a aproximação da Igreja no mundo do trabalho, analisando a classe trabalhadora a partir da heterogeneidade das associações (LIMA, 2009: 12)

Para Francisco Foot Hardman, anterior aos anos de 1930, o que predominou em grande parte do Brasil foram as associações, as quais se destacaram por serem a expressão de aspectos socioculturais próprios de classe. Isso se deu dentro de um contexto histórico, devido às repercussões do capitalismo entre as classes trabalhadoras, não significando um regresso na forma de organização da classe, mas uma forma de luta. No entanto, para Hardman, o mutualismo foi encoberto pelas lutas de classes, com o fortalecimento dos sindicatos de cunho anarquistas e socialista (HARDMAN, 2002: 41-43).

Na segunda década do século XX, no Brasil cresceu entre os intelectuais católicos a influência do integralismo, como consequência da ascensão de uma juventude motivada por interesses políticos, culturais e econômicos, desejosos por intensificar a ação católica no movimento operário de modo a salvar o homem dos desvios de conduta.

Após a Revolução de 1930, a *Legião Cearense do Trabalho* foi fundada, tendo como objetivo agir contra as propostas liberais e modernizantes do Governo Provisório de Vargas. A Legião cearense do Trabalho foi fundada em 1931, na cidade de Fortaleza, por Severino Sombra, fruto da ação do catolicismo no movimento dos trabalhadores, somada ao integralismo. Surgiu a partir da expansão do pensamento católico e antiliberal no Brasil em meados de 1920-1930, junto aos trabalhadores. Preocupado com o futuro do país, sendo formado basicamente por jovens católicos antiliberais, anticomunistas e opositores ao movimento de 1930.

A Legião foi um movimento de natureza corporativa, integralista e católica, de organização e mobilização dos trabalhadores. Antecedeu a Ação Integralista Brasileira. Desenvolveu um trabalho de cooptação pelo seu idealizador de diversas lideranças e contou com a adesão de associações, passando a representar em menos de um mês, os interesses de 71 delas e de cerca de 20 mil trabalhadores assalariados e autônomos.

A LCT atuou no sentido de organizar, representar e dar assistência aos trabalhadores desprotegidos e explorados. Nesse sentido, idealizavam uma sociedade sem conflitos sociais, hierarquizada e disciplinada. O ideário legionário de renovação do ser humano, pautado nos sentimentos de honra, bravura e lealdade, teve uma forte atuação nas

organizações trabalhistas cearense, através de um discurso de convencimento que aliavam as demandas próprias do mundo do trabalho e as necessidades de formação do cotidiano legionário (CORDEIRO, 2000: 333).

Para que elles vejam na associação, no sindicato, o único defensor político para suas aspirações. Para suas necessidades, para os seus anseios de justiça. Para que elles vejam no sindicato o caminho de libertação... O sindicato inicialmente lhes fornecerá o médico, o advogado, a escola para os filhos... O sindicato se constituirá o seu órgão de comunicação com os governos, com as autoridades, esclarecendo as pretensões e os interesses de classe.⁴

Para os Legionários, o sindicato era o espaço onde poderiam realizar seus anseios, sendo necessária a sindicalização, tendo em vista, que era uma etapa fundamental para dar formação do trabalhador. Formação essa, que deveria se enquadrar no modelo de trabalhador apregoado pela Legião.⁵ Assim os trabalhadores deveriam possuir valores determinados pela Legião Cearense do Trabalho, para fazer parte do sindicato sadio, contrário ao modelo sindical dos Socialistas que defendiam o sindicalismo de resistência.

A LCT atuou intensamente na associação *Deus e União*, a qual surgiu como desdobramento da antiga, *Deus e Mar*, Sindicato dos Trabalhadores portuários e Sindicatos das obras do Porto, tendo registros e destaques constantes no Jornal *Legionário*.

Percebemos a tensão entre essas forças (Ação Católica, Sindicato e Estado), agindo entre os trabalhadores em diversos artigos como, por exemplo, no jornal *Voz do Gráfico*, que chamam os associados das beneficentes e mutuals e do Círculo Operário Católico de Carneiros rebanhados pela Igreja Católica. “Eis aqui uma pergunta que, dirigida a qualquer operário carneiro, crapuloso, rábula, servil, subserviente, falso, hipócrita ou inconsciente...”⁶. O jornal *O Combate* segue essa mesma linha de defesa do sindicalismo de resistência como o caminho necessário para a emancipação dos trabalhadores do domínio capitalista (GONÇALVES. SILVA, (orgs), 2000: 58).

Quando foi fundado no ano de 1921, o *Sindicato dos Trabalhadores Portuários de Fortaleza*, percebemos a mudança das estratégias de luta dos trabalhadores, os quais deixaram o caráter estritamente mutualista, que prezava pelo auxílio em caso de doença ou morte dos associados, para buscar mudar as condições materiais e sociais, através do estudo e o esclarecimento sobre os seus direitos. Nessa perspectiva foi criada em setembro de 1923, o

⁴ O LEGIONÁRIO. 02/03/1933, p. 2.

⁵ O LEGIONÁRIO. 06/05/1933, p. 2.

⁶ VOZ DO GRAPHICO. **Qual deveria ser o pedido de festa do operariado?**. N 6, 25/12/1921.

jornal intitulado *A Voz do Porto*⁷ e a Escola operária sediada na Rua Rufino de Alencar (AZEVEDO, 2001: 100), que objetivava desenvolver nos trabalhadores “a noção segura dos seus direitos e deveres, quer sociais, quer políticos para elle não se deixar levar por aquelles que procuram desvalorizar a boa e sã orientação que a classe em geral deve ter”⁸.

Na longa prática dos grandes centros operários do sul do país e da Europa, tem se constatado que só o sindicato de resistência merece o apoio franco do operariado como único sistema de associação capaz de adular a política de ação que além de manter a dignidade honesta e ativa do operariado, faz sentir com presteza os benefícios de seu valor.⁹

Através da perspectiva anarquista, o jornal *Voz do Gráfico* dedicou muitas das suas páginas para criticar a apatia dos trabalhadores cearenses e exaltar a importância da união dos mesmos e a luta a partir dos sindicatos de resistência.

A história da *Deus e Mar*, foi marcada por disputas internas da própria categoria e externas (Igreja, Estado e grupos políticos)¹⁰, um exemplo dessas tensões ocorreu em 1928, durante o pleito para a escolha da nova diretoria da sociedade *Deus e Mar*, as diferenças internas afloraram, pois um grupo dissidente liderado por Júlio Rodrigues buscou quebrar o controle exercido dentro da associação pelo grupo de Marcelino Lima¹¹, que apoiado pelo Capitão do Porto, beneficiava somente parte dos portuários e se alinhava aos interesses patronais. Essa disputa terminou por causar a divisão entre os associados, onde os descontentes com a *Deus e Mar* fundaram a *Sociedade Marítima Beneficente* no mesmo ano do pleito para a diretoria.

A partir da leitura dos jornais, *Trabalhador Gráfico* e *O Combate*, percebemos o comportamento da *Sociedade Deus e Mar*, a qual mantinha diálogo com os anarcosindicalistas, como podemos perceber durante a assembleia de fundação da *Federação dos Trabalhadores Cearense*, alinhada aos ideais de união dos trabalhadores para combater a exploração e poder dos patrões. No entanto, a proximidade vai sendo questionada à medida que nos números seguintes do mesmo jornal, os redatores denunciam a apatia dos diretores da sociedade em relação à luta dos trabalhadores, chegando a diversas ocasiões a criticar a diretoria a relação estreita com a Igreja Católica e aliança com o *Círculo Operário Católico* entre 1920 e 1922.¹²

⁷ Jornal O Nordeste. N. ? 28/09/1923.p.4.

⁸ Jornal O Nordeste. **Coluna Operária**. 01/10/1923.

⁹ AZEVEDO, José Mathias de. **O Nosso Programa**. *Voz do Gráfico*. N. 1, 25/12/1920. p. 1.

¹⁰ Tornou-se fundamental para a Igreja, grupos políticos e o Estado, devido as ameaças anarcosindicalistas de revolução contra a classe dominante, se inserirem no movimento dos trabalhadores, para mantê-los organizados e controlados segundo os seus interesses.

¹¹ Nota divulgada pelo Jornal O Ceará, sobre a posse da nova diretoria da *Deus e Mar*, 19/08/1928.

¹² VOZ DO GRÁFICO. **Um como há muitos...** N.13, 12/11/1921.

Neste meu bilhete, por um dever de lealdade e convicção faço sentir aos Srs. e à Federação o desgosto que me fica na alma por saber que a heroica sociedade “Deus e Mar” acolheu no seio dois aventureiros (orador e advogado) que, à procura de posições, paucamente se intrometem dentro de sua organização de homens de trabalho. Srs. à federação cabe lembrar aos camaradas da “Deus e Mar” o que fez o safarnada João Viana e como ele são esses outros que pertencem a mesma *maloca*. Não é possível que tantos camaradas conscientes que existem na “Deus e Mar” estejam se sujeitando a tais explorações...¹³

Através da pesquisa nos periódicos, sejam eles próximos a Igreja, como *O Nordeste*, ou os que defendiam o sindicalismo de Resistência, como *A Voz do Gráfico*, conseguiu-se visualizar a *Associação Deus e Mar*, hora dialogando com os anarcosindicalistas, hora envolvida com políticos ou com a Igreja Católica. Como resposta inicial a essa postura dos associados, surge o sindicato dos portuários no ano de 1922, e, posteriormente em 1928, a *Deus e Mar* sofre uma ruptura interna. Esse foi um movimento de tensão da própria categoria dos portuários que podemos considerar relevante, visto que fez parte do processo de autoconhecimento dos trabalhadores portuários associados.

Faz-se pertinente analisar a organização dos trabalhadores portuários de Fortaleza, a partir do *fazer-se* desses mesmos, ou seja, o processo de *autoconhecer*, identificando-se como fazendo parte de um grupo ou classe social (THOMPSON, 1987: 9).

... As pessoas não experimentam sua própria experiência apenas como idéias, no âmbito do pensamento e de seus procedimentos, ou (como supõem alguns praticantes teóricos) como instituto proletário etc. Elas também experimentam sua experiência com sentimentos e lidam com esses sentimentos na cultura, como normas, obrigações familiares e de parentesco, e reciprocidades, como valores ou (através de formas mais elaboradas) na arte ou nas convicções religiosas (THOMPSON, 1981: 189).

No entanto, com a *Criação da Legião Cearense do Trabalho* em 1931, percebemos um retrocesso da influência combativa dos ideais anarcosindicalistas, ao serem promovidas várias mudanças na organização dos trabalhadores do Porto, estes que tiveram que repensar as suas estratégias de lutas, pois passou a ser mais intensa a presença da Igreja e também do Estado dentro do movimento operário. Como consequência dessa interferência, em 1931, ocorreu a junção da *Deus e Mar* e *União Marítima Beneficente*, influenciados pelos ideais da *Legião Cearense do Trabalho* fundaram a *Sociedade Marítima Deus e União*.

Os anos de 1930 foram marcados pelo corporativismo estatal e sua efetivação através da Lei Sindical de 1931, a qual sinalizava para a tentativa de controle do operariado. Muitas categorias profissionais buscaram sindicalizar-se com o objetivo de obter vínculos para a participação política e negociação (GOMES, 2005: 163). Com o decreto de 1931, as

¹³ BERNARDO, ZÉ. *Bilhete Postal*. VOZ DO GRÁFICO. N. 15, 11/12/1921.

relações políticas do operariado com o Estado foram redefinidas, tendo em vista que, apesar de ser facultativa a sindicalização, acabava sendo obrigatória, pois só poderia desfrutar dos benefícios da legislação social, aqueles que fossem sindicalizados (GOMES, 2005: 163).

Os portuários perceberam que através da participação nas sociedades de socorros mútuos, as quais tinham como característica proporcionar uma sociabilidade entre os trabalhadores, garantir a seguridade física dos trabalhadores e de seus familiares, possuindo como princípios básicos, a solidariedade, o companheirismo e a fraternidade, além de uma convivência democrática entre os sócios, teriam suas necessidades materiais mais imediatas atendidas (BATALHA, 2004: 158), seja por motivos de doença ou morte do associado, como no caso tratado no jornal *Correio do Ceará*:

Esta sociedade acaba de efetuar mais um pagamento de 2 pecúlios num total de um Conto de oitocentos mil réis (1:800\$000), conforme consta com os recibos abaixo:
Recebi da sociedade <Deus e Mar> a quantia de 900\$000, equivalente ao pecúlio nº 28, instituído em meu benefício, pelo meu falecido esposo João Andrade Netto, falecimento este ocorrido nesta capital, em 04 de fevereiro de 1921.¹⁴

Para Ana Beatriz Loner, as Sociedades de Socorros mútuos:

Como meios de socialização das crianças, defensores e mantedoras de tradições, local de confraternização e convívio entre iguais, contribuindo para manter ou construir uma identidade própria, o que passava pela oportunidade de arranjar casamentos, consolidar amizades e parcerias, fazer negócios e obter empregos (LONER, 2001: 96).

Entendemos que esse tipo de sociedade nasceu, primeiramente, a partir das necessidades materiais, mas esse fator não explica por si só essa problemática, sendo necessário analisar as vivências desses trabalhadores e suas experiências cotidianas, para compreendermos as forças que movem esses trabalhadores para a organização e manutenção de uma Sociedade mutualista.

Através da Sociedade beneficente *Deus e Mar*, as ações católicas podem inicialmente serem percebidas a partir da visibilidade que a sociedade teve nos jornais do período, dentre eles *O Nordeste*, que divulgava os princípios do catolicismo. O espaço concedido por esse jornal para fazer a divulgação e propaganda dos trabalhos das associações beneficentes, estas que possuíam proximidade com a Igreja e conseqüentemente, escutavam duras críticas dirigidas à ideologia socialista e anarquista.

No estado actual, é da ignorância da plebe, é desses chãos que rebenta a praga que vive o parasita infecundo - mais que infecundo: corrosivo - do socialismo; é no meio delle que avultam a depravação dos costumes, o desrespeito á lei e ás cousas sagradas, o crime, a anarchia, emfim.
Para esse mal só um remédio: a escola com Deus!¹⁵

¹⁴ JORNAL A TRIBUNA. **Sociedade Deus e Mar**. 25 de maio de 1921, nº 1871, p. 3.

¹⁵ Eugenio Libonatti. **O Mal social**. O Nordeste. 22/01/1925. N. 770. p. 2.

Verificamos que a presença Católica ocorreu devido a necessidade de manutenção de uma ordem e controle dos trabalhadores portuários, utilizando como base o discurso que defendia um modelo de um homem com boa imagem, ou seja, seguidor dos preceitos da Igreja de Roma.

Segundo Mota:

Podemos perceber que as sociedades de socorro mútuo combinavam elementos religiosos em sua vida associativa. Este fato guarda semelhança com a experiência das antigas corporações do Ofício, que tinham como ponto de ligação, entre outros elementos, a guarda dos segredos da arte e a devoção ao santo padroeiro nas festas do calendário litúrgico...corporações de ofício e sociedades de ajuda mútua, apesar de fenômenos distintos, estão ligados a uma cultura subalterna da proteção e do pertencimento. Combinando valores laicos e caridade cristã (MOTA, 2009).

Sobre esse tema podemos citar como exemplo, a luta da Igreja e da própria *Sociedade Deus e Mar* contra a ingestão de bebidas alcoólicas entre os trabalhadores, tendo esta, numa ocasião, organizado uma conferência para tratar sobre o tema. O engajamento na campanha contra o alcoolismo ressalta a preocupação em manter uma imagem positiva perante a “boa sociedade” (MOTA, 2009: 75). Ou seja, o trabalhador deveria ser um bom cristão para ser visto de maneira positiva pela sociedade da época, e assim, a Igreja manteria sobre controle o movimento dos trabalhadores dentro de um discurso de disciplina que perpassava o chão do porto e chegava até as ruas e as casas dos trabalhadores.

Segundo Jesse Jane Vieira Sousa, durante a primeira década do século XX a Igreja Católica assume o Catolicismo Social, no qual tem a função de auxiliar na organização da sociedade e isso passava pela mediação dos conflitos existentes entre os patrões e os empregados. Assim, a pastoral começa a afirmar que “fora da Igreja Católica Apostólica Romana é impossível encontrar a salvação” (SOUZA, 2002: 123).

A partir dessa análise, podemos compreender melhor os fatores que levaram a aproximação ocorrida entre o movimento dos trabalhadores e a Igreja Católica. Bem como, sobre as experiências e vivências dos portuários como base para as práticas de sociabilidade, socorro e auxílio da *Sociedade Deus e Mar* e as ações do Sindicato dos Trabalhadores do Porto.

Os discursos ideológicos, anarquista e socialista ganharam adeptos entre diversas categorias de trabalhadores, notadamente os gráficos se enfileiram nessa luta, estes que buscaram o apoio de outras categorias de trabalhadores, dentre elas os portuários da *Deus e Mar*.

Os anarquistas passam a defender que as associações de cunho meramente beneficente e de auxílio mútuo, deveriam dar lugar aos Sindicatos de resistência, nos quais os trabalhadores deveriam lutar para mudar de maneira efetiva suas condições de vida. Porém, entendemos que a mudanças nas estratégias de atuação por parte dos portuários ocorreu somente após a primeira década de existência da beneficente *Sociedade Deus e Mar* que fundaram em 1922, o *Sindicato dos trabalhadores Portuários*.

Através dos veículos de imprensa destas entidades, os autores em evidência denunciaram o projeto hegemônico (classista, ideológico e eleitoreiro) do Círculo dos Operários Católicos São José, incitando diferentes segmentos de trabalhadores a participarem das lutas contra os clérigos (que já haviam cooptado outras entidades), apontando os desmandos de certos administradores públicos e da classe patronal, através das greves, paralisações e passeatas (CARDOSO, 2009).

Para Cardoso, o associativismo combativo analisado a partir da produção literária deixada por Pedro Augusto Mota, Eliézer Rocha e outros escritores nos jornais *Voz do Gráfico* (1921 - 1922) e *O Combate* (1921), levou em conta suas experiências sociais enquanto trabalhadores, apresentando um perfil da militância operária cearense no início da década de 1920, trabalhados no jornal *A Voz do Gráfico* (1921 - 1922) e *O Combate* (1921) (CARDOSO, 2009: 310).

Dentre as influências ideológicas, a *Deus e Mar* se aproximou do projeto social proposto pela Igreja Católica, ficando por vários anos na atividade de auxílio e socorro mútuo aos trabalhadores portuários associados. Mas, mantendo também o contato com as associações de caráter combativo, como a *Federação dos Trabalhadores do Ceará*, fundada 1921, que tinha por base, o ideal de unir a força dos trabalhadores das várias sociedades e associações para lutar contra os inimigos comuns, o Capitalismo e os patrões (GONÇALVES. SILVA, 2000). Como no artigo do *Trabalhador Gráfico*, que trata sobre a fundação e a importância dessa federação para o movimento dos trabalhadores.

Conforme havíamos noticiado, realizou-se, terça-feira, 1 de fevereiro presente, a soleníssima sessão de fundação da Federação dos Trabalhadores do Ceará, assistida por numerosos representantes das sociedades União Geral dos Trabalhadores, Associação Gráfica do Ceará, União dos Tecelões, Centro dos Carroceiros, União dos Ferroviários Cearenses em cuja sede teve lugar a grande reunião e as quais foram fundadoras da Federação, e elementos representativos, sociedade “Deus e Trabalho”, e “Deus e Mar”, “União dos Pedreiros” e “União dos Sapateiros” que infelizmente, não foram fundadores deste importantíssimo centro das forças trabalhadoras em geral.¹⁶

As atitudes de duplicidade (mutualismo e sindicalismo) e a presença de políticos na Beneficente *Deus e Mar*, foram alvos de intensas críticas pelos anarquistas, como denuncia o trecho abaixo do jornal *Voz do Gráfico*:

¹⁶ TRABALHADOR GRAFICO. *Federação dos trabalhadores do Ceará - sua fundação*. N. 4, 05/02/1921.

Não seremos políticos e viveremos neutralizados da política e da religião. Isto por que uma e outra coisa são duas armas perigosíssimas ao desenvolvimento e ao alevantamento moral das classes proletárias, são dois elementos pugnadores do alcance das nossas aspirações sonhadas, são duas muralhas que, existindo em nosso meio, concorrerão bastante, inevitavelmente, para a nossa ruína, para a nossa queda, para a nossa morte.¹⁷

As ações dos trabalhadores portuários podem ser percebidas através da análise dos jornais que circulavam durante o período pesquisado. Em meio aos seus dezenove anos de funcionamento, a *Associação Deus e Mar* passou pelas mãos de várias diretorias, que enfrentou embates políticos internos da categoria e disputas políticas externas, como grupos partidários, anarquistas, socialistas e a Igreja Católica.

Durante o processo de escolha da nova diretoria, em julho de 1928, na qual duas chapas foram formadas para o pleito dos cargos, culminou na divisão interna entre os associados. Como consequência, os dissidentes fundaram a *União Marítima Beneficente* em 10 de setembro de 1928, contou com o apoio do Círculo Operário Católico São José, controlado pela Igreja¹⁸, criticou a postura dos membros da nova diretoria, acusando-os de fazer da associação um “feudo político”, denunciando o controle de um mesmo grupo sobre a *Deus e Mar*.

Após a fragmentação, os trabalhadores portuários tiveram que enfrentar a interferência intensa da *Legião Cearense do Trabalho* (BARROSO, 2000). Assim, podemos ressaltar as relações de força que se estabeleceram entre os próprios trabalhadores, os patrões e a Igreja nas lutas cotidianas, tanto nos limites do porto como para além dele. Em meio às dificuldades, os portuários buscavam melhorar suas condições de vida, tanto através do trabalho, com a união entre os associados, além de estarem imbuídos pelo sentimento de fé, ligados aos princípios do catolicismo.

Os anos que se seguiram após 1930, foram marcados por ações repressivas ao movimento sindical, sendo elaborada a Lei de Sindicalização em 1931, a qual estabelecia a unidade sindical e dava ao mesmo um caráter consultivo mediante o Poder Público, dessa maneira as associações operárias passaram a ser controladas pelo poder estatal (GOMES, 2005:163).

As ações e o espaço dos trabalhadores foram delimitados de acordo com os interesses do Governo, tendo que se adaptar ou buscar espaços alternativos para lutar pela causa operária. Nesse sentido, buscamos analisar as atitudes dos trabalhadores portuários em meio ao Estado Varguista (1930-1937).

¹⁷ VOZ DO GRAPHICO. Porque e para que surgimos. N. 1, 25/12/1920.

¹⁸ DIÁRIO DO CEARÁ. *União Marítima Beneficente*. N. ?, 10/09/1928. p. 1.

Em suma, podemos afirmar que as ações dos portuários foram marcadas por três momentos: mutualismo¹⁹, sindicalismo²⁰, e o sindicato controlado pelo Estado²¹. Estes que devem ser compreendidos não dentro de uma lógica evolucionista, mas como tendo sido marcados por mecanismos e estratégias distintas de luta desses trabalhadores para defesa dos seus interesses.

Dessa maneira, pesquisar o período entre 1912-1937, estes que consideramos ser fundamentais para entendermos as lutas dos trabalhadores portuários de Fortaleza. Porém, esses anos não podem ser pesquisados de maneira isolada, tendo em vista que entendemos a história enquanto processo, assim devemos analisar as ações dos trabalhadores e como estas estão relacionadas e fazem parte de um contexto histórico de luta.

Destacamos que os anos aqui analisados não fazem parte de uma simples cronologia, mas estão dentro de um contexto histórico, visto que:

As informações assinaladas numa linha temporal são apenas a ponta do iceberg, que foi detectado e registrado em uma determinada data e num determinado Lugar. (...) sabem os historiadores que o tempo não para, não tem começo nem fim, portanto, expor fatos históricos cronologicamente é apenas um exercício para provocar a compreensão de suas historicidades (BARBOSA, FERRAZ, Socorro (orgs), 2010).

Nesse sentido, utilizamos E. P. Thompson, que analisa as lutas cotidianas a partir das vivências dos sujeitos (THOMPSON, 1987). Para esse autor, a ação de transformação histórica ocorre em meio às escolhas, as decisões pessoais que estão fundamentadas em valores, normas e atitudes, num determinado contexto histórico (THOMPSON, 1987: 15).

Os atores sociais são apreendidos como sujeitos sociais ativos na construção de suas ações cotidianas, a partir das suas necessidades e interesses específicos, e também nas relações estabelecidas com outros atores (THOMPSON, 1998:150-304). Dessa forma, buscamos a partir do estudo das experiências e vivências dos trabalhadores, dentro e além das fronteiras do porto, compreendermos as tensas relações existentes entre portuários, patrões, políticos, socialistas, anarquistas e a Igreja na cidade de Fortaleza-CE.

Em suma, percebemos através da análise de fontes, que nem sempre tiveram intenção de expressar os desejos e as necessidades dos trabalhadores, as experiências dos

¹⁹ Com o mutualismo os trabalhadores buscavam atender aos interesses imediatos, como remédios, médico, auxílio funerário, etc. Ver: FORTES, Alexandre. Da Solidariedade à Assistência: estratégias organizativas e mutualidade no movimento operário de Porto Alegre na primeira metade do século XX. In: **Cadernos AEL**, v. 6, n.10/11, 1999.

²⁰ A fundação do sindicato representou a mudança de comportamento dos trabalhadores, os quais já não desejavam apenas suprir carências materiais, mas lutar por mudanças nas condições sociais a partir da luta.

²¹ O Estado juntamente com a Igreja católica, buscou controlar as ações dos trabalhadores, combatendo a influência das ideias defendidas pelos anarco sindicalistas.

portuários e as relações sociais construídas pelos mesmos, as quais fizeram seguir por diferentes caminhos, entre o mutualismo e o sindicalismo de resistência, de modo que o processo de *conhece-se* não seguiu uma linearidade, saído do mutualismo e “evoluindo” para o sindicalismo, mas foi repleto de descontinuidades, pois os trabalhadores mantiveram proximidade e diálogo em diversos momentos com o Estado, Igreja e Sindicato.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFIA

AZEVEDO, Miguel Ângelo (Nirez). **Cronologia ilustrada de Fortaleza**: roteiro para o turismo histórico e cultural. Fortaleza: Banco do Nordeste. Programa editorial Casa José de Alencar, 2001.

BATALHA, Cláudio Henrique de Moraes. **A identidade da classe operária (1880-1920): atipicidade ou legitimidade**. Painel: “A formação do proletariado e movimento operário”. V Encontro Internacional de Historiadores. Latino-Americano e do Caribe, São Paulo, 22-26 de outubro de 1990.

_____. **Cultura associativa no Rio de Janeiro da Primeira República**. In: Culturas de classe. Org. I Batalha, Claudio H. M. II Silva, Fernando Teixeira da. III Fortes, Alexandre. Campinas: Editora Unicamp, 2004.

_____. **O movimento operário na Primeira República**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editora, 2000.

BARBOSA, Bartira Ferraz. FERRAZ, Socorro (orgs). República brasileira em Debate. Recife: Ed, Universitária de UFPE, 2010.

BARROSO, Raimundo Cordeiro Jr. **A Legião Cearense do Trabalho**. In: SOUZA, Simone de. Uma Nova História do Ceará. Fortaleza-CE, Edição: Fundação Demócrito Rocha, 2000.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **A imprensa do Brasil**. São Paulo: Contexto/ Edusc. 2ª edição: 1994.

CARDOSO, Gleudson Passos. **“Bardos e Canalha, quaresma de desalentos”**- Produção literária de trabalhadores em Fortaleza na primeira República. Tese de Doutorado - Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2009.

DE LUCA, T. R. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. B. (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo; Contexto, 2005.

_____. LUCA, Tânia Regina de. **O Sonho do Futuro Assegurado**: O Mutualismo em São Paulo. São Paulo: Contexto, 1990.

FORTES, Alexandre. Da Solidariedade à Assistência: estratégias organizativas e mutualidade no movimento operário de Porto Alegre na primeira metade do século XX. In: **Cadernos AEL**, v. 6, n.10/11, 1999.

GOMES. Ângela de Castro. **A invenção do trabalhismo**. 3ª edição: Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

GONÇALVES, Adelaide. BRUNO, Allysson (orgs). O Trabalhador Gráfico- edição fac-similar. Fortaleza: Editora UFC, 2002.

GONÇALVES, Adelaide. SILVA, Jorge e (orgs). A Imprensa libertária do Ceará (1908-1922). São Paulo: Imaginário, 2000.

HARDMAN, Francisco Foot. **Nem pátria, nem patrão**, cultura e literatura no Brasil. 3ª Ed. rev. E ampl. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

- LIMA, Ana Cristina Pereira. **“Obreiros pacíficos”**: o Círculo de Operários e Trabalhadores Católicos São José. (Fortaleza, 1915 – 1931). Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Ceará – UFC. 2009.
- MARTINS, Ana Luiza. LUCA, Tânia Regina de (orgs). **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo; Contexto, 2008.
- MOTA, Kleiton Nazareno Santiago. **Mutualismo ferroviário**: prover e proteger na sociedade beneficente do pessoal da estrada de ferro de Baturité de 1891 aos anos 1930. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Ceará – UFC. 2009.
- SCOTT, James C. Formas cotidianas de resistência camponesa. In: **Raízes**, Vol. 21, no. 01, Janeiro a junho de 2002.
- SOUZA, Jessie Jane Vieira. **Círculos Operários**: a Igreja Católica e o mundo do trabalho no Brasil. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.
- THOMPSON, E. P. **A Formação da Classe Operária Inglesa**. A árvore da Liberdade. Vol. I, Editora: Paz e Terra. Tradução: Denise Botmann, 1987.
- _____. **A Miséria da Teoria ou um planetário de erros**. Tradução: Waltensir Dutra. Zahar editores: Rio de Janeiro, 1981.
- _____. **Costumes em comum**. Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.